DIÁRIO DE BORDO

FARTURA E "FALTURA"

ROBERTO RODRIGUES

Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV (GV Agro), embaixador especial da FAO para as Cooperativas e titular da Cátedra de Agronegócios da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" da Universidade de São Paulo (Esalq/USP)

ENTRAMOS EM 2019 cheios de esperança. Isso é normal: em todo ano novo, vem a impressão de que as coisas vão melhorar, como se a "folhinha" tivesse um poder especial de mudar o eixo do mundo. E, desta vez, há o adicional de um governo novo, com promessas liberais que encantam o empresariado em geral. No entanto, 2018 foi embora e deixou muitas incertezas. As escaramuças entre os Estados Unidos e a China ainda podem estimular uma retomada protecionista nos países mais ricos, gerando dificuldades comerciais para os emergentes no médio prazo, inclusive no setor agroalimentar.

Mas, parece que a anestesia geral dada pelas festas natalinas não deixa isso claro. Nem o enésimo fracasso na tentativa de um acordo UE-MERCOSUL teve o impacto negativo que merece. Nem mesmo as obrigações retomadas na COP-24, na Polônia, ratificando as decisões do Acordo de Paris e com uma diferença fundamental: na COP-21, o Brasil assumiu compromissos espontâneos para reduzir as suas emissões de gases do efeito estufa, com marcante papel da agropecuária nessa missão; e, agora, há uma incerteza se o nosso País continua assinando o Acordo do Clima ou não, o que terá importância na decisão de países importadores dos nossos alimentos.



Esses são alguns dos temas que determinarão o resultado de uma safra agrícola bem atribulada. Devemos colher um novo recorde de grãos se o travesso El Niño permitir, e ele já tem feito algumas molecagens pelo País afora. Além disso, os custos de produção aumentaram, empurrados por pelo menos dois fatores conhecidos: os preços dos fertilizantes subiram em dólar, e o frete explodiu depois da greve dos caminhoneiros e da indecisão do Supremo Tribunal Federal (STF) quanto à tabela de transportes. Outros fatores terão impacto sobre a renda do campo, como o câmbio, uma permanente interrogação, e a reação dos importadores quanto a questões menores para nós – mas grande para alguns –, a exemplo da especulada mudança para Jerusalém da nossa Embaixada em Israel.

Para o consumidor brasileiro, as notícias são boas: haverá fartura de alimentos para todos, e isso vai ajudar a manter baixa a inflação, além de contribuir para o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB). Se os investimentos em infraestrutura vierem como se anuncia, os empregos voltarão, mas isso demora um certo tempo para acontecer, e os reflexos positivos não serão relevantes em 2019. Contudo, tal processo ajuda a melhorar o astral.

No terreno da economia, não resta dúvida que o acerto das contas públicas é o calcanhar de aquiles da real mudança e que a reforma da previdência é a questão central.

Tudo isso tem impacto na renda rural, e o cenário não é dos mais risonhos: as margens deverão ser menores do que em anos anteriores.

No entanto, há um tema central ao qual os governos federal e estaduais não poderão mais recalcitrar: trata-se da inovação tecnológica na agropecuária, alavanca absolutamente essencial para o desenvolvimento e a competitividade. Em alguns estados, como São Paulo, as tradicionais instituições de pesquisa estão desatendidas há anos, havendo grande desânimo no Instituto Agronômico (IAC), no Instituto Biológico (IB), no Instituto de Economia Agrícola (IEA), no Instituto de Zootecnia (IZ), no Instituto Florestal (IF), no Instituto de Tecnologia de Alimentos (ITAL) etc. Isso precisa mudar: esperamos que, pelo menos nesse setor, a mudança do calendário tenha efeito positivo e que não falte apoio para a Ciência e a tecnologia, sem o que logo não conseguiremos competir. ■